

# As maiores firmas industriais de Rio Claro (SP) na primeira metade do século XX (1918-1945)\*

## *The Largest Industrial Firms in Rio Claro (SP) in the First Half of the 20th Century (1918-1945)*

Gustavo Pereira da Silva e Nicolý Gomes Barrotti\*\*

**Resumo:** A historiografia econômica descreve a formação da indústria paulista como uma decorrência da acumulação no núcleo do setor cafeeiro e este capital vazando aos investimentos industriais que, muitas vezes, traduzia-se na formação de pequenas e médias empresas capitaneadas por imigrantes. Todavia, no caso do município paulista de Rio Claro, há poucos dados sobre quais eram as maiores firmas industriais na primeira metade do século XX, seu operariado e o vulto de seus capitais. Apoiado em fontes primárias (estatísticas industriais), o artigo visa dar uma contribuição aos estudos sobre a formação industrial paulista ao analisar quais eram as maiores firmas industriais rio-clarenses nos anos de 1918, 1931, 1937 e 1945, evidenciando que a industrialização local foi fortemente influenciada pela presença das Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, que era o maior estabelecimento do município de acordo com seu número de operários.

**Palavras-chave:** Rio Claro. Indústria. Operariado. Grandes empresas.

**Abstract:** Economic historiography describes the formation of industry in São Paulo as a result of accumulation in the core of the coffee sector and this capital leaking to industrial investments, which often resulted in the formation of small and medium-sized companies led by immigrants.

\* Submissão: 14/08/2023 | Aprovação: 07/02/2024 | DOI: 10.29182/hehe.v27i1.940

\*\* Respectivamente: (1) Departamento de Economia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Brasil | ORCID: 0000-0002-3943-6130 | E-mail: gustavopsilva@ufscar.br | (2) Departamento de Economia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Brasil | ORCID: 0009-0000-6060-7638 | E-mail: nicolygomesbarrotti@gmail.com



However, in the case of the São Paulo municipality of Rio Claro, there is little data on which were the largest industrial firms in the first half of the 20th century, its workforce and the size of its capital. Supported by primary sources (industrial statistics), the article aims to make a contribution to studies on the industrial formation of São Paulo by analyzing which were the largest industrial firms in Rio de Janeiro in the years 1918, 1931, 1937 and 1945, showing that local industrialization was strongly influenced by the presence of the Cia. Paulista de Estradas de Ferro which was the largest establishment in the municipality according to its number of workers.

**Keywords:** Rio Claro. Industry. Working Class. Big companies.

**JEL:** N16. N36. N66.

## Introdução

O município de Rio Claro é uma cidade do interior paulista de 196 anos que ocupa uma área de 498.422 km<sup>2</sup>, formada pelos distritos de Ajapi e Assistência e pelos povoados de Batovi e Ferraz. O município é composto por cerca de 201.418 mil habitantes, segundo o Censo do IBGE 2022, e ocupa o 34º lugar no ranking brasileiro de municípios com melhores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2010. Além disso, possui um PIB *per capita* de 47,8 mil reais, sendo o 101º município com o maior PIB do país.

As origens econômicas da localidade conjugam-se à própria evolução da economia paulista no século XVIII e XIX. Com as descobertas auríferas nas Minas Gerais e em Mato Grosso, a região do atual município passou a ser um ponto de pouso para as tropas que seguiam rumo ao interior, suscitando um comércio local de gêneros de subsistência por volta do ano de 1720. Pouco mais de um século adiante, a capela curada de São João Batista de Rio Claro, que tinha sido criada em 1827, foi elevada à categoria de *freguesia* no ano de 1830, quando a economia local se notabilizava pelo predomínio dos engenhos de açúcar. Em 1857, a freguesia foi elevada à categoria de *cidade* – desmembrando-se dos municípios de Limeira e Mogi Mirim – e, concomitantemente, as lavouras rio-clarenses converteram-se em cafezais, atividade que se tornou o esteio da economia local até 1930 (Dean, 1977; Bilac, 2001).

A historiografia econômica sobre Rio Claro tem forte influência do pioneiro trabalho de Dean (1977). Seu estudo sobre o sistema de trabalho na lavoura rio-clarense entre 1820-1920 explora a formação da economia local açucareira e, posteriormente, sua conversão ao café, indicando os capitalistas que financiaram embrionariamente essas atividades e a transição de mão de obra escrava ao trabalhador livre assalariado, principalmente na figura do imigrante. Em que pese apresentar uma interessante relação entre produção cafeeira e salários dos imigrantes, o autor acaba não concentrando sua análise na formação do setor manufatureiro na localidade.

O trabalho de Santos (2000) tem por objetivo discutir o processo de urbanização de Rio Claro, no período de 1850-1906, em que houve vasta expansão dos cafezais na região do Oeste Paulista. O autor toma

como ponto de partida as primeiras experiências com trabalhadores livres da região, inclusive imigrantes alemães, e a contribuição da linha férrea para a urbanização da cidade. Em seus resultados, Santos destaca que o setor de serviços se expandiu com a chegada da estrada de ferro e foi o que mais cresceu ao responder por uma demanda existente ao norte e a oeste da cidade, além de ter feito de Rio Claro um centro regional de serviços.

Grandi (2006; 2007; 2020) faz uma análise histórica da primeira companhia ferroviária instalada na cidade, a Companhia Estrada de Ferro de Rio Claro – criada em 1884 e adquirida em 1892 pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Em seus trabalhos, a companhia ferroviária rio-clarense é objeto de análise em que fica evidente sua alta lucratividade por conseguir carrear a produção cafeeira de uma região em franca expansão agrícola, cenário que se manteve após a compra da ferrovia pela Cia. Paulista em 1892. Ademais, os trabalhos mencionam os efeitos positivos que a linha férrea gerou em outros setores da economia local, como a formação das oficinas de reparos ferroviários em 1892.

De outra parte, no que tange à formação da indústria rio-clarense, os trabalhos de Selingardi-Sampaio (1987; 2012) buscam fazer uma análise da evolução da estrutura industrial local, nomeando o período 1873-1929 como a “fase pioneira” e trazendo dados absolutos do número de empresas e em seus respectivos setores manufatureiros. Todavia, esses dados não detalham o capital dessas empresas, os nomes dos empresários, a quantidade dos empregados, impossibilitando termos uma melhor noção de quais setores eram os mais relevantes na indústria rio-clarense da Primeira República e quais seriam as maiores empresas.<sup>1</sup>

Considerando os trabalhos apresentados acima, percebe-se que há uma lacuna na historiografia sobre como o avanço da lavoura cafeeira se expressou na formação da economia industrial no município de Rio Claro na primeira metade do século XX. Dessa forma, nosso estudo se calcará na tentativa de demonstrar quais eram as principais empresas manufatureiras na cidade de Rio Claro no ano de 1918, no período 1928-1937 e

<sup>1</sup> Cabe mencionar o estudo de Fileni (2004) que busca entender como se deu a participação do município de Rio Claro no processo de interiorização da indústria paulista e conclui que, a partir da década de 1970, a cidade vivenciou um desenvolvimento em ritmo acelerado, com a implantação de indústrias de médio e grande porte, multinacionais, surgimento de novos bairros e a consolidação de um Distrito Industrial.

no ano de 1945, com dados que não foram analisados detalhadamente nos trabalhos de Selingardi-Sampaio (1987; 2012).

Essa análise terá como recorte temporal o período entre 1918 e 1945, tendo em vista as fontes primárias arroladas: a *Estatística Industrial para o município de Rio Claro*, para o período 1918-1919; a *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*, no período 1928-1937; e os dados do *Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo (exclusive o município da Capital)*, para o ano de 1945 – fontes primárias disponibilizadas digitalmente pela Fundação SEADE.

O objetivo principal do artigo é dar uma contribuição ao debate sobre a industrialização de pequenas e médias cidades do interior paulista, a partir da análise do processo de formação de um setor industrial na cidade de Rio Claro na primeira metade do século XX, destacando, ademais, os maiores estabelecimentos industriais da localidade no período 1918-1945. Em linhas gerais, o artigo busca trabalhar a relação entre café, imigração e a indústria rio-clarense à semelhança do trabalho de Lanza e Lamounier (2014), que destacaram junto ao avanço da cafeicultura ribeirão-pretana na Primeira República a formação de grandes empresas naquela localidade paulista.

No processo de industrialização em Ribeirão Preto nota-se a confluência de alguns fatores: a expansão da lavoura cafeeira; a chegada dos trilhos ferroviários; a expansão demográfica calcada sobretudo nos imigrantes; o assalariamento que gerou uma demanda de bens e serviços que estimularam a formação de atividades urbanas (comércio, serviços e indústria); a formação e expansão de estabelecimentos industriais – sobretudo por iniciativa de imigrantes – em setores de baixa e média sofisticação (vestuário, alimentação, calçados, bebidas, cervejas, serrarias de madeira, fabricação de móveis e moinhos para beneficiamento de gêneros agrícolas); e grandes fábricas em setores mais complexos da indústria (oficinas de reparos e consertos das grandes empresas ferroviárias – Cia. Mogiana –, empresa de geração e fornecimento de energia elétrica, uma grande cervejaria e uma importante empresa metalúrgica). Vários dos fatores elencados na experiência industrial ribeirão-pretana poderão ser notados no caso do município de Rio Claro, sem olvidar algumas diferenças – como a precocidade da indústria rio-clarense – que o presente artigo evidenciará. Na seção seguinte será trazido o

referencial teórico abordando como se deu a formação do complexo cafeeiro paulista e a formação de grandes empresas em alguns de seus setores. Em seguida, na seção dois, será feito um breve histórico da formação econômica da cidade, realçando principalmente o avanço da lavoura cafeeira e a formação de uma infraestrutura urbana no começo do século XX. Na seção três, será trazida a relação das maiores firmas industriais rio-clarenses na década de 1910. Na seção quatro, serão analisadas quais eram os maiores estabelecimentos industriais rio-clarenses em alguns anos do período 1928-1945. Como resultado do trabalho será evidenciado o relevante papel exercido pelas Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro como maior empregador local de mão de obra manufatureira ao longo do tempo e o aparecimento tardio de outras grandes empresas, como as têxteis apenas em 1945.

## **1. Café, imigração e a indústria na economia paulista da Primeira República**

O artigo visa contribuir ao campo de estudos sobre a formação da indústria no Brasil, a partir do caso da indústria paulista na Primeira República (1889-1930), quando há o vazamento do capital agrícola ao industrial, na perspectiva do complexo econômico cafeeiro de Cano (1981) – café ao centro desse complexo e a indústria surgindo como atividade conexa. Também busca realçar o papel do imigrante na matriz social da indústria paulista, junto de membros da elite agrária estadual, tema abordado por Dean (1971).<sup>2</sup>

Resumidamente, alguns elementos se combinaram para a formação do complexo cafeeiro paulista a partir dos anos 1870: o avanço da lavoura cafeeira pelas terras planas e férteis do interior (Oeste Paulista), a chegada dos imigrantes, a demanda por um sistema de transporte eficiente expresso pelas ferrovias, a produção e comércio de alimentos, a urbanização e o

---

<sup>2</sup> Sobre o avanço nos estabelecimentos industriais na economia brasileira da Primeira República, Fishlow (1978) aponta que o início desse processo esteve atrelado ao cenário de maior circulação monetária do Encilhamento (1890-1891), que teria permitido a formação de novas empresas em setores como o têxtil. Segundo Versiani e Versiani (1978), a formação dessas fábricas ganhou impulso com a I Guerra Mundial (1914-1918), pois a queda no nível de mercadorias importadas foi capturada pelas fábricas nacionais que, no período bélico, apresentaram ganhos de lucratividade e produtividade.

crescimento populacional passaram a demandar atividades complementares à lavoura cafeeira (bancos, comércio de exportação-importação, infraestrutura portuária e urbana, atividades públicas) (Saes, 2010).

A indústria paulista surge como uma dessas atividades vinculadas ao complexo cafeeiro, sendo que os setores manufatureiros predominantes na indústria brasileira da Primeira República eram os têxteis e o processamento de alimentos (Mello, 2009; Cano, 1981; Aureliano, 1999; Silva, 1995). Essa caracterização da indústria concentrada nos ramos de bens assalariados tinha a figura do imigrante em destaque, seja como um trabalhador rural que era consumidor de tais bens ou na condição de operário fabril, além da presença dos imigrantes como empresários industriais (Dean, 1971).

As condições que teriam permitido aos imigrantes adentrarem ao empresariado industrial paulista passariam pelo capital previamente trazido da Europa, pelos proventos obtidos em terras brasileiras por meio do trabalho nas fazendas cafeeiras ou mesmo no comércio urbano. Ademais, os imigrantes poderiam ter uma *expertise* financeira e industrial conquistada junto a bancos e empresas europeias que, muitas vezes, permitia a esses indivíduos serem representantes de firmas estrangeiras no Brasil que, com o passar do tempo, viram a necessidade de construir oficinas para reparos de máquinas e equipamentos importados que se converteram em fábricas nacionais (Dean, 1971).<sup>3</sup>

Todavia, a matriz social do empresariado paulista seria dupla, pois, além dos imigrantes, ela contaria com a presença de fazendeiros. Em relação aos fazendeiros, Dean (1971) aponta que uma parte desses agentes já tinha uma *expertise* empresarial, pois vários dos empreendimentos necessários ao negócio cafeeiro – ferrovias, bancos, firmas comissárias, casas de importação e exportação – eram de sociedades anônimas em que boa parte das ações estava nas mãos da elite agrária – o grande capital cafeeiro –, que buscava uma maneira diversificar seu capital dentro do complexo econômico paulista (Perissinotto, 1994). Em tais empresas – como as ferrovias – haveria uma divisão de tarefas entre os dois compo-

<sup>3</sup> O pioneiro trabalho de Prado Junior (1969) já apontava a presença dos imigrantes como empresários no estado de São Paulo, e este fenômeno foi analisado de maneira local e setorial por outros autores (Bresser-Pereira, 1964; Camillo, 1998; Barbosa, 2006; Truzzi; Bassanezi, 2009; Brandão, 2015; Lanza; Lamounier, 2014; Marson, 2012).

mentes da matriz social: o comando técnico ficava a cargo de imigrantes e seu conhecimento dos processos industriais; aos fazendeiros, por sua vez, caberia a base financeira, com o capital necessário à formação da empresa (Saes, 2002).

As explicações sobre a matriz social do empresariado industrial paulista devem ser acompanhadas por considerações sobre o tipo e o tamanho de firmas industriais que se faziam presentes nas localidades do interior do estado nas décadas iniciais do século XX, indo além da figura do imigrante em seu pequeno ou médio estabelecimento.

Cano (1978) e Aureliano (1999) pontuam que havia uma *grande indústria* paulista no começo do XX em virtude da acirrada competição entre firmas locais – também com empresas estrangeiras – em setores oligopolizados como o têxtil, em que atuavam grandes fábricas – como a Votorantim na cidade de Sorocaba – com imensas plantas industriais, altamente mecanizadas, elevado número de operários e com grande demanda energética, que, para tanto, necessitavam de vultosos investimentos de capital que, como no caso das ferrovias, podiam implicar a organização desses grupos como sociedades anônimas.<sup>4</sup>

Cano (1981, p. 206-210) detalha ainda mais a composição do cenário industrial das localidades paulistas no princípio do século XX, ao indicar a existência de três segmentos de empresas: a) os segmentos simples: firmas com parco uso de maquinário e de energia elétrica; b) os segmentos intermediários: firmas com alguma flexibilidade tecnológica, diminuto uso de energia elétrica e reduzida mecanização; c) segmentos complexos: empresas capazes de auferir economias de escala – como as grandes têxteis – com mais intensa instalação de máquinas e equipamentos e maior uso de energia elétrica.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Esta tendência à oligopolização na indústria paulista foi mantida, pelo menos, até o início da década de 1950, segundo Luna e Klein (2019, p. 331): “O setor industrial era dominado por firmas de grande porte e vastos recursos financeiros, porém, como seria de se esperar em uma economia que produzia predominantemente bens de consumo, havia um grande número de empresas de pequeno porte, tanto em termos de renda e capital investido como de números de empregados. No entanto, era nas grandes firmas que se encontrava a maior parte dos industriários, capital, energia consumida e valor da produção industrial.”

<sup>5</sup> Segundo Cano (1981), os exemplos de firmas dos *segmentos simples* são: serrarias e móveis de madeira, pequenas oficinas mecânicas de reparação, olarias, artefatos de couro (exclusive calçados), confecções e malharia, massas alimentícias, moagem de cereais, (exclusive do trigo), panificação, biscoitos e confeitaria, bebidas alcoólicas e refrigerantes (exclusive cerveja), perfumaria, sabões e velas, produtos químicos simples e farmacêuticos. Quanto aos *segmentos intermediários*, ele indica:

As segmentações da indústria trazidas por Cano (1981) nos levam a compreender que o tecido industrial das cidades paulistas no período mencionado era formado não somente por pequenas e médias firmas fortemente associadas à figura dos imigrantes-empresários, mas também por iniciativas de maior vulto que, muitas vezes, eram de firmas com capital listado na Bolsa e estruturadas como sociedades anônimas, como demonstrado por Hanley (2005).

Para classificar a estrutura industrial paulista nascente, o trabalho de Marson (2008) sugere que as *grandes fábricas* seriam aquelas compostas por 100 ou mais operários. Indo além, Silva (1995) indica que as grandes empresas seriam aquelas com 100 ou mais operários e, ao câmbio do ano de 1907, elas seriam detentoras de um capital social de ao menos 1.000 contos de réis.<sup>6</sup>

Sendo assim, o café demandou a indústria, e esta foi constituída por uma elite empresarial que combinou nomes de famílias vinculadas originalmente à lavoura cafeeira (Silva Prado, Lacerda Franco) com a presença de imigrantes (Siciliano, Crespi, Matarazzo) que constituíram pequenas e médias firmas, bem como grandes empresas com um mínimo de 100 operários e, em alguns casos, com capital social de mais 1.000 contos de réis. Localidades como Rio Claro são exemplares para elucidar como o avanço da cafeicultura possibilitou acumulação de capital, urbanização, crescimento demográfico e a formação de um setor industrial na primeira metade do século XX (Saes, 2010).

## 2. A formação econômica do município de Rio Claro e seu complexo cafeeiro (1884-1906)

As terras que atualmente formam o município de Rio Claro começaram a ser delineadas ao final do século XVIII, visto que a região fazia parte do caminho que levava tropas de muares e bovinos até às minas de

---

calçados, curtumes, chapéus, charque, cigarros, material de transporte, oficinas construtoras de bens de capital. Já no *segmentos complexos* estão: fiação e tecelagem, papel, cimento, siderurgia, vidro, construção naval, moinhos de trigo, fósforos, usinas de açúcar e outras.

<sup>6</sup> Como em alguns anos da *Estatística Industrial do Estado de São Paulo 1928-1937* não há a indicação do capital social de algumas empresas que serão analisadas posteriormente – caso das Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro –, o trabalho vale-se da classificação de grandes fábricas utilizada por Marson (2008).

Goiás e Mato Grosso. Ao longo desses percursos, foram se formando os pousos que visavam ao abastecimento das tropas, e essas paradas resultaram nas primeiras ocupações de terras, formadas por negociantes, sesmeiros e, posteriormente, por representantes espirituais com a construção da capela. Logo, começaram a se desenvolver as primeiras propriedades de terra ligadas ao plantio da cana-de-açúcar, com escravos e agregados trazidos para compor a força de trabalho. Em 9 de dezembro de 1830, a região passou à condição de freguesia, pertencente à vila de Constituição (atual Piracicaba); quinze anos depois foi elevada a vila e, em 1857, foi reconhecida como cidade de São João Batista do Ribeirão Claro, que em 1905 assumiria definitivamente o nome de Rio Claro (Santos, 2000; Troppmair, 1993).<sup>7</sup>

O cultivo da cana-de-açúcar foi a principal atividade econômica da localidade até a década de 1850. Porém, a partir da década de 1860, as grandes fazendas rio-clarenses como Ibicaba e Angélica – propriedades do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro – haviam convertido suas lavouras ao plantio do café, mudança que foi impulsionada pela crescente demanda mundial pelo grão que se traduzia em preços em elevação, pela infraestrutura (produtiva, comercial e financeira) previamente formada nos tempos do açúcar, além da boa adaptabilidade do cafeeiro ao solo do Oeste Paulista (Santos, 2000; Petrone, 2010).

De meados da década de 1850 ao final do século XIX, a cidade de Rio Claro viveu o auge de sua economia cafeeira, que pode ser aferido por relevantes mudanças na localidade. Pelo lado da demografia escrava, no ano de 1856 havia 1.426 cativos na vila; já em 1884, os escravos atingiram o número de 4.980, em grande parte contando com o tráfico intra e, principalmente, interprovincial – sobretudo das Minas Gerais (Rossini, 2015).

Em 1886, a produção cafeeira de Rio Claro foi de 600 mil arrobas, o que fez da localidade a terceira maior da província de São Paulo, ficando atrás somente da produção dos municípios de Campinas e Amparo. Quanto à população rio-clarenses, ela também aumentou, saindo de pouco mais de 5 mil habitantes em 1854 e atingindo mais de 20 mil habitantes em 1886 (Milliet, 1982).

<sup>7</sup> Com vistas à simplificação linguística, pela Lei Estadual nº 975, de 20 de dezembro de 1905, o município de São João do Rio Claro tomou a denominação de Rio Claro.

Como um dos principais municípios cafeeiros, a cidade de Rio Claro inseriu-se no movimento imigratório visto na província de São Paulo.<sup>8</sup> O encaminhamento da questão escravista – cuja Abolição viria em 1888 – abria a necessidade premente de suprir a demanda por mão de obra nas lavouras paulistas na segunda metade da década de 1880 (Tessari, 2012). Segundo Dean (1977), no ano de 1883, somente 222 imigrantes haviam adentrado ao município de Rio Claro; porém, uma década adiante, essa cifra chegaria a 2.093 estrangeiros, e, no período de 1896 a 1900, da Hospedaria dos Imigrantes na capital paulista teriam sido dirigidos a Rio Claro um total de 11.536 estrangeiros, sendo que 81% desses indivíduos eram italianos (Meirelles, 2016, p. 47).<sup>9</sup>

O avanço da cafeicultura rio-clarense e de sua população foi impulsionado pela melhoria na infraestrutura de escoamento dos grãos trazida pela instalação dos trilhos ferroviários. Em 1876, a Cia. Paulista de Estradas de Ferro inaugurou a estação de Rio Claro, interligando a cidade ao eixo ferroviário provincial. Todavia, a extensão do tronco ferroviário a partir da cidade gerou uma disputa entre a Cia. Paulista, fazendeiros locais – como o Conde do Pinhal e o Visconde Rio Claro – e o Governo Imperial no intento de validar sua proposta de melhor traçado, a ponto de a Cia. Paulista abdicar do direito de seu prolongamento da ferrovia, a 20 de maio de 1880, por não concordar com o projeto proposto. A partir desse momento, o Conde do Pinhal liderou a formação do capital que gerou a Companhia Estrada de Ferro Rio Claro, uma sociedade anônima autorizada a funcionar através do Decreto nº 8.639 de 12 de agosto de

---

<sup>8</sup> A partir de 1886, as iniciativas paulistas de imigração subvencionada – como a criação da Sociedade Promotora da Imigração (SPI) – ajudam a entender o grande ingresso de estrangeiros pelo Porto de Santos, tendo em vista que, entre 1836 e 1886, apenas 52 mil imigrantes foram registrados na província de São Paulo, número que passou a 909 mil para os anos 1887-1900, com forte predomínio dos italianos, que, junto de outras nacionalidades (alemães, espanhóis, portugueses, japoneses e outros), contribuíram para que a taxa de imigrantes na população total paulista passasse de 5,4% no ano de 1890 para 21% da população estadual no ano de 1900 (Camargo, 1952; Bassanezi *et al.*, 2008, p. 19).

<sup>9</sup> Em relação às primeiras experiências imigratórias em Rio Claro, é importante mencionar que as fazendas Ibicaba e Angélica operaram por muitos anos com trabalho escravo, entretanto foram as primeiras da região a vislumbrar o trabalho livre imigrante. No ano de 1847, o Senador Vergueiro já possuía trabalhando em suas fazendas cerca de 300 escravos e algumas famílias imigrantes portuguesas e, naquele ano, trouxe cerca de 64 famílias alemãs e 149 suíços para compor a força de trabalho nas lavouras. Em 1854, a Fazenda Ibicaba já abrigava cerca de 670 imigrantes, sendo mais da metade representados por alemães e cerca de 34% por portugueses (Santos, 2000; Truzzi; Neto, 2007; Troppmair, 1993).

1882. A ferrovia estendeu seus trilhos até os municípios de Araraquara e Jaú e em 1889 seria vendida a um grupo de capitalistas ingleses que, em 1892, revenderiam a empresa à Cia. Paulista de Estradas de Ferro (Grandi, 2006; 2007; 2020).

Naquele mesmo ano de 1892, a Cia. Paulista de Estradas de Ferro decidiu instalar em Rio Claro suas oficinas especializadas na construção e reparo de carros de carga e de vagões para passageiros, além de viabilizar a extração de lenha e o desdobro de madeiras para alimentar a própria Companhia. Rio Claro consolidou-se como um centro ferroviário responsável pela baldeação entre os trechos Jundiaí-Rio Claro (bitola larga 1,60 m) e Rio Claro em diante (bitola estreita 1,00 m) e que, para tais atividades, viu a chegada de aproximadamente 2 mil funcionários vinculados à Cia. Paulista ainda no ano de 1892, que tiveram grande importância para a urbanização do município e para fazer da localidade um centro regional de serviços (Garcia, 1992; Santos, 2000; Truzzi, 2007; Grandi, 2020).

Com o passar dos anos, a Cia. Paulista se tornaria a principal cliente do outro grande empreendimento rio-clarense formado no final do século XIX: a Central Elétrica Rio Claro. Sua origem está no ano de 1884, quando a firma santista Real e Portella foi encarregada pela administração local de desenvolver um sistema de iluminação elétrica na cidade. Porém, a Real e Portella não conseguiu viabilizar o empreendimento e acabou transferindo-o para a Cia. Mechanica Industrial Rio Clarense em 1891, que, a 15 de novembro de 1895, inaugurou a Usina Hidrelétrica de Corumbataí – aproveitando-se das águas do rio Corumbataí e do Ribeirão Claro. Todavia, no dia seguinte à inauguração houve um acidente nas instalações da usina que fez com que suas atividades fossem interrompidas por cinco anos, quando, em 1900, a casa exportadora-importadora alemã Theodor Wille – uma das principais firmas exportadoras de café em Santos – adquiriu as terras e instalações da hidrelétrica e, com a importação de maquinário e mão de obra germânicos, pôde reinaugar a Central Elétrica Rio Claro e fazer dela a grande fornecedora regional de energia elétrica que viabilizava empreendimentos comerciais e industriais nas cidades vizinhas, bem como fornecia eletricidade às fazendas (Marsiglia; Mello; Bacellar, 1986; Santos, 2000).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Além do abastecimento de energia elétrica ao município de Rio Claro e Santa Gertrudes, a Central

Os trilhos e as oficinas da Cia. Paulista, somados à oferta de energia elétrica pela Central Elétrica Rio Claro, contrastavam com a crise da cafeicultura rio-clareense apontada por Diniz (1973). Após o auge da produção cafeeira local em 1886, o que se viu foi uma tendência à superprodução – espelhando um fenômeno nacional – que se deparou com um declínio nos preços do grão a partir de 1898. Com preços menores, cafezais que beiravam os 50 anos de atividade e uma queda na produtividade em comparação com as áreas fronteiriças e maduras, os pioneiros cafezais rio-clareenses passaram a ser fragmentados em unidades menores ou, até mesmo, abandonados em alguns casos.

Esse movimento decadente da cafeicultura local seguiria nos anos da Primeira República, entretanto ele não se traduziu em uma atrofia econômica em virtude de Rio Claro contar com uma importante massa populacional urbanizada – inclusive com diversos imigrantes –, além de um setor de industrial e de serviços de relevante peso regional em que se destacavam justamente as Oficinas da Cia. Paulista e a Central Elétrica Rio Claro (Diniz, 1973; Faleiros, 2010).

O centro da cidade de Rio Claro industrializou-se notavelmente. Sua posição, primeiro como terminal ferroviário, depois como ponto de baldeação entre a Paulista e a linha de Rio Claro, de bitola estreita, aconselhava a construção de depósitos de vagões de ambas ferrovias. Uma usina hidrelétrica começou a funcionar regularmente no Ribeirão Preto em 1900. A cidade era iluminada a lâmpadas de arco voltaico e possuía rede telefônica. Havia oficinas de construção de carruagens, selarias, olarias, fornos de cal, uma fábrica de sapatos, várias tipografias, oficinas mecânicas e de fundição. Estabelecimentos menores fabricavam massa, sabão, vinagre, colchões, chapéus de palha, charutos, foguetes e gelo. Uma grande cervejaria vendia 600 mil litros para todo o Estado. (Dean, 1977, p. 155-156)

---

Elétrica Rio Claro passou a atender: Cordeirópolis (1903), Araras (1904), Limeira (1907), Leme (1911), Santa Cruz da Boa Vista (1911), Rio das Pedras (1911), Itirapina (1915), Pirassununga (1921), Santa Cruz da Conceição (1921), Conchal (1922), Mogi-Mirim (1923) e Artur Nogueira (1923) (Marsiglia; Mello; Bacellar, 1986).

O balanço da indústria rio-clarense trazido acima por Dean (1977) é delineado detalhadamente por Santos (2000), ao quantificar as empresas por ramo de atividade:

Em 1906, segundo o almanaque para o mesmo ano, os serviços e as ofertas comerciais disponíveis à população da cidade eram advindos de 16 lojas de ferragens, 26 de fazendas e armarinhos, 17 de louças e cristais, 96 de secos e molhados, 4 modistas, 3 amoladores, 12 alfaiatarias, 36 açougues, 15 barbearias, 2 lotéricas, 3 bilhares, 16 botecoquins, 9 caldeireiros e latoeiros, 9 carpintarias e marcenarias, 5 charutarias, 1 colchoaria, 3 cocheiras, 4 curtumes, 1 depósito de gelo, 1 depósito de cerveja, 1 depósito de sanfona, 3 casas de câmbio, 2 engraxates, 2 ferrarias, 2 fogueteiros, 1 fundidor, 11 guarda-livros, 7 hotéis, 2 marmorarias, 2 oficinas de chapéus de sol, 3 olarias, 15 padarias, 6 farmácias, 3 fotógrafos, 3 pintores, 10 quitandeiros, 2 casas de refinação de açúcar, 8 restaurantes, 6 relojoeiros, 20 sapatarias, 6 selarias, 2 serralheiros, 2 serrarias a vapor, 1 torneiro, 2 tintureiros, 5 tipografias. Nesse período, também foi o momento em que começaram a aparecer e a se desenvolver uma série de pequenas indústrias na cidade, cujo incentivo provinha tanto dos fatores maiores, como o fim do escravismo, a República com a instauração do federalismo, a imigração em massa que consolidou o mercado de trabalho; quanto dos fatores internos da própria cidade, que possuía luz elétrica, saneamento básico (água e esgotos) e, principalmente, as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro que conferiu uma dinâmica à parte ao núcleo urbano, ao ser ali instalada em 1892 [...] existiam na cidade cerca de 24 fábricas de aguardente, 7 fábricas de cerveja, 7 fábrica de carros (*trollys*), 1 fábrica de cal, 1 fábrica de charutos, 1 de gelo, 2 de louça, 2 de máquinas, 5 de massas alimentícias. (Santos, 2000, p. 158)

Os dados de Santos (2000) mostram uma grande oferta local do setor de serviços, por exemplo, com quase uma centena de armazéns de secos e molhados e 26 lojas de fazendas e armarinhos. Quanto à indústria local, havia um predomínio das fábricas de aguardente e cerveja, atividades

classificadas como segmentos simples segundo Cano (1981). Ao confrontarmos esse tecido industrial rio-clarense com o da cidade de Ribeirão Preto no ano de 1904, a partir dos dados de Lanza e Lamounier (2014), vemos que em ambas predominavam as pequenas e médias fábricas voltadas aos bens de consumo e maquinário simples das fazendas, bem como nas duas localidades havia uma grande firma local incumbida da geração e fornecimento de energia elétrica – a Central Elétrica Rio Claro e a Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto.<sup>11</sup> O principal contraste do quadro manufatureiro desses municípios está no fato de Rio Claro ter instalado em seu território as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, estabelecimento que era o maior empregador de operários na indústria rio-clarense.

Doravante, a questão que se coloca é saber a dimensão dos empreendimentos manufatureiros de Rio Claro; por exemplo, quanto ao capital investido e ao número de operários, informações que vieram em inquéritos industriais posteriores.

### **3. A indústria rio-clarense e suas maiores empresas na década de 1910**

Um levantamento realizado pela Diretoria de Indústria e Comércio do Estado de São Paulo trouxe dados relativos ao número de firmas por setor industrial no ano de 1915 em cada localidade paulista (São Paulo, 1916). Essa pesquisa mostra que, em 1915, das 7.681 firmas industriais registradas no estado de São Paulo, distribuídas entre 184 municípios, 102 estavam concentradas na cidade de Rio Claro, o que reflete 1,33% do total do estado – nesse levantamento o município de Ribeirão Preto possuía 89 fábricas, que equivaliam a 1,16% das fábricas paulistas.

Em Rio Claro, o setor predominante era o de ladrilhos, canos e tijolos, com 25 empresas, a grande maioria situada nas terras que hoje

<sup>11</sup> A Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto foi criada no ano de 1898 por engenheiros e empresários da região de Ribeirão Preto e, nas décadas seguintes, a empresa passou a fornecer energia para várias localidades da região: Jardinópolis, Nuporanga, São Joaquim da Barra e Barretos (1910); Igarapava, Aramina, Buritis, Pedregulho, Rifaina, Ituverava e Bebedouro, além de outros municípios menores da região (1918); e chegou a ampliar mais tarde o fornecimento para as regiões da Alta Mogiana, Alta Paulista e uma parte do Noroeste do estado, construindo uma série de hidrelétricas para atender a demanda crescente. Em 1927, a AMFORP adquire seu controle acionário e é incorporada a CPFL em 1947 (Dino *et al.*, 2006, p. 15).

formam a cidade de Santa Gertrudes, mas que na época pertenciam a Rio Claro. Logo após, constata-se que as indústrias do setor alimentício predominavam na região, com 6 fábricas de massas, 6 fábricas de cerveja, 6 de bebidas e 4 de farinhas e polvilhos. Além disso, outros setores que se destacavam entre as indústrias rio-clarenses eram os de carros, carroças e consertos de vagões, que somavam 11 indústrias no total, setor fundamental para dar assistência à linha férrea da Cia. Paulista de Estradas de Ferro que atravessava a cidade.

**Tabela 1 – Relação das 10 maiores fábricas e oficinas do município de Rio Claro em 1918 (classificadas pelo número de operários)**

Proprietário	Setor	Capital (contos de réis correntes)	Operários	Força motriz	Produtos
Cia. de Calçados Flora	Calçados	200	150	22 cavalos-elétricos	Calçados
Caetano Castellano	Cigarros	200	30	9 cavalos-elétricos	Cigarros e charutos
Conrado L. Klellis	Tipografia	70	6	2 cavalos-elétricos	Impressos
Matheu e Anharinho	Bebidas	40	6	Nada consta	Bebidas diversas
Joaquim F. Costa	Tipografia	25	3	1 cavalo-elétrico	Impressos
A. M. Lucca & Mazziotti	Máquinas	20	50	20 cavalos-elétricos	Máquinas de arroz
L. Picoli e Cia	Chinelos	20	20	2 cavalos-elétricos	Chinelos
Gino Bellini	Bebidas	15	3	nada consta	Licores e xaropes
João Francisco Castro	Selaria	10	8	3 cavalos-vapor	Arreios mexicanos
José Pereira Calado	Máquinas	10	2	15 cavalos-vapor	Máquinas para café
Outras 9 fábricas		37	117	18 cavalos-elétricos	
<b>Total</b>		<b>647</b>	<b>395</b>	<b>74 cavalos-elétricos e 18 cavalos-vapor</b>	

Fonte: BDIC (1919, p. 136).

A Tabela 1 nos permite identificar quais as dez maiores fábricas da cidade de Rio Claro no ano de 1918, que somadas eram 19 fábricas, com um capital total de 647 contos de réis, empregando um total de 395 operários. Em relação aos ramos de atuação, nota-se o estreito vínculo dessas fábricas à produção de bens de consumo assalariado – cigarros, massas e bebidas, arreios, calçados, chinelos, impressos – em segmentos industriais de complexidade simples e intermediária e que tinham sido estimulados pelo café, como trazido por Cano (1981), Mello (2009) e Silva (1995). Essas unidades foram impulsionadas pelo grande fluxo de imigrantes na localidade, sendo que vários proprietários de empresas eram de origem italiana (Castellano, Cerri, Mungai, Benetti, Bellini, Pezzoli, Marchini, Pessenda, Picoli, De Lucca, Mazziotti) e alemã (Hofling, Klellis, Boltz), em concordância ao apontado por Dean (1977) e Prado Júnior (1969) sobre a participação dos imigrantes na matriz social do empresariado paulista.<sup>12</sup>

Essas dez maiores firmas representavam 94% do capital industrial rio-clarense naquele ano, 70% do operariado, 100% do consumo de energia a vapor e 76% da energia elétrica empregada na indústria local.<sup>13</sup> Quanto à estrutura da indústria rio-clarense, observa-se pelos dados que apenas uma firma que poderia ser classificada como grande fábrica na nomenclatura utilizada por Marson (2008): a Cia. de Calçados Flora, com seus 150 operários e um capital social de 200 contos de réis, cuja origem passa pela trajetória do italiano Giuseppe Castellano, que no Brasil tornou-se José.

O italiano José Castellano chegou ao Brasil em 1884 – então com 14 anos – e dirigiu-se à cidade paulista de Casa Branca, tendo se instalado em Rio Claro dois anos depois e atuado como comerciante junto de seu sogro (Felice Antonio Gaetani) na casa comercial Caetano, Castellano & Cia. criada ainda no ano de 1874. Conhecida como a maior casa comercial rio-clarense no começo do século XX, em virtude da comercialização de diversos produtos vindos da Europa – ferragens alemãs, louças e cristais belgas e franceses, bicicletas –, a firma proporcionou o enrique-

<sup>12</sup> O trabalho de Lanza e Lamounier (2014) não traz dados sobre a indústria em Ribeirão Preto no período 1918-1919, portanto a comparação entre o setor manufatureiro de Ribeirão Preto com os dados da Tabela 1 sobre Rio Claro ficam impossibilitados.

<sup>13</sup> Deve ser mencionado que este levantamento de 1918 não trouxe dados sobre duas grandes empresas rio-clarenses: as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro e a Central Elétrica Rio Claro.

cimento de José Castellano, que adquiriu fazendas na região, bem como o seu ingresso em outras atividades como a extração de mármore nas Minas Gerais e uma firma calçadista (Meirelles, 2016; Pignataro, 1982; Selingardi-Sampaio, 2012).<sup>14</sup>

A firma calçadista foi criada em 1908 por José Castellano em associação com o sapateiro Antonio Hoffman – que era dono de uma oficina – e outros capitalistas locais organizando-se como uma sociedade anônima que, a princípio, visava abastecer a própria casa Caetano, Castellano & Cia. com a fabricação de seus calçados (Selingardi-Sampaio, 2012). No balanço patrimonial da S. A. Cia. de Calçados Flora para o ano de 1917, a empresa aparece sob o comando do diretor-presidente José Castellano, tendo distribuído um dividendo de 8% equivalente a Rs. 16\$000 por ação e, descontadas suas despesas, foi direcionado à conta de Lucros Suspensos o valor de 50,8 contos de réis – quantia maior que o capital de 16 das 19 firmas industriais listadas em Rio Claro no ano de 1918 (São Paulo, 1918).

Um balanço dessa “fase pioneira” da industrialização rio-clarense que se estendeu até o final da década de 1920 aponta para uma ampliação no número de unidades fabris: eram 46 no ano de 1873, passaram a 184 em 1915 e seriam de 142 em 1927, embora com um predomínio de pequenas fábricas, com pouco capital e parco maquinário, número reduzido de operários e pouca utilização de energia. Para Selingardi-Sampaio (1987), havia exceções, que se trata de estabelecimentos maiores – as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a Central Elétrica Rio Claro, a Cervejaria Rio Claro –, contudo as estatísticas industriais antes de 1930 não trazem informações detalhadas sobre essas empresas, dados que vieram a partir da nova década.

---

<sup>14</sup> Truzzi (2007) menciona que a maioria dos imigrantes bem-sucedidos na indústria e comércio do município de São Carlos no começo do século XX também não tinham sido colonos em fazendas originalmente, mas empregados precocemente no ramo comercial, muitas vezes em casas comerciais de parentes ou de compatriotas. No caso de Rio Claro, quando cruzamos os dados da Estatística Agrícola de 1904-1905 com a Estatística Industrial para 1918 e para o período 1928-1937, também não se encontra coincidência de nomes de industriais que teriam sido agricultores na primeira década do século XX (São Paulo, 1908; 1919; 1928-1937).

#### 4. A indústria rio-clarense e suas maiores empresas entre 1931-1945

A Quebra da Bolsa de Nova York em outubro de 1929 e seus efeitos que redundaram na Grande Depressão dos Anos 1930 tiveram drásticas consequências na economia nacional – retração de - 5,4% no biênio 1930-1931 – e tais efeitos foram sentidos no nível estadual. No caso do estado de São Paulo, seu setor industrial em 1930, comparado ao ano de 1928, apresentava um operariado reduzido em 20%, o número de fábricas era 22% menor e a produção real da indústria havia caído 12%, principalmente nestes segmentos: têxtil, vestuário e calçados, química e farmacêutica, metalúrgica, bebidas, mobiliário e minerais não metálicos. A contrabalançar essa queda houve o aumento na produção física de setores como: produtos alimentícios – que junto aos têxteis continuariam como os maiores ramos industriais paulistas até a década de 1940 – papel e papelão, couros e peles, além dos produtos de fumo (Suzigan, 1971; Luna; Klein, 2019).

Quanto ao interior de São Paulo, houve semelhanças ao movimento geral da indústria estadual: a manutenção do setor têxtil e de produtos alimentícios como maiores empregadores e geradores de valor; um forte crescimento dos minerais não metálicos, material de transporte, metalurgia, mecânica, madeira e mobiliário; um crescimento de menor monta do setor alimentício, têxtil, perfumaria, sabões e velas, papel e papelão, couros e peles, química, fumo, produtos farmacêuticos e veterinários, borracha e material elétrico. Na comparação com as firmas paulistas e da Grande São Paulo, constata-se que, entre 1928 e 1937, os estabelecimentos industriais do interior ampliaram sua participação no total do operariado paulista – de 32,2% para 35,9% – bem como no valor da produção, de 28,4% para 32,8% (Negri, 1996).

O município de Rio Claro, de acordo com o capital investido em suas empresas, era o 9º maior centro industrial do estado de São Paulo, o 7º maior centro de acordo seu número de operários empregados na indústria e o 8º considerando o número de estabelecimentos listados (São Paulo, 1928-1937).<sup>15</sup> No período 1930-1937, houve a expansão no nú-

<sup>15</sup> No ano de 1933, ordenado pelo número de fábricas, os 10 maiores centros industriais paulistas eram os seguintes (em ordem decrescente): Capital (3.363 fábricas), Campinas (123), São Bernardo do Campo (119), Jundiaí (107), Ribeirão Preto (85), Sorocaba (82), Rio Claro (80), Pirassununga (32), Taubaté (28) e Limeira (28).

mero de estabelecimentos industriais rio-clarenses de 56 fábricas para 68 unidades,<sup>16</sup> cabendo destaque ao setor de tijolos e cerâmicas, olarias e louças de barro, além de cal e cimento, aliás, setores que estavam mais concentrados no município de Santa Gertrudes, que na época era um distrito de Rio Claro.<sup>17</sup> Também houve o registro de cinco novas fábricas de construção e reparação de veículos, setor vinculado para dar assistência à Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

No que tange ao capital investido nas fábricas, temos que, apesar das empresas de tijolos e cerâmicas, e cal e cimento serem as mais numerosas, elas não possuíam capitais tão expressivos. Diante disso, além do setor de energia elétrica, que se torna o maior em termos de capital a partir da segunda metade da década de 1930, as indústrias de bebidas e cervejas e a da calçados são as maiores detentoras de capital da cidade. Em seguida, vinham as fábricas voltadas à produção de máquinas para lavoura e a indústria da madeira. Ademais, cabe mencionar a queda tanto no capital investido quanto no número de estabelecimentos do setor alimentício, além da retração no setor de licores e xaropes (São Paulo, 1928-1937).

**Tabela 2 – Relação das dez maiores fábricas e oficinas do município de Rio Claro em 1931 (classificadas pelo número de operários)**

Empresa	Setor	Capital	Operários	Força motriz	Produtos e observações
Cia. Paulista de Estrada de Ferro	Construção e reparação de veículos	-	1.630	2.600	Reparação de vagões e locomotivas
S.A Central Elétrica de Rio Claro	Energia elétrica	5.000	86	7330	Serve Araras, Leme, Pirassununga etc.

(continua)

<sup>16</sup> Os efeitos da Quebra da Bolsa de Nova Iorque em outubro de 1929 e a crise econômica em sua sequência podem ser constatados na indústria rio-clarenses, por exemplo, quanto ao número de fábricas: eram 62 unidades com 831 operários em 1929 e, no ano seguinte, elas eram 56 com 737 operários, sendo que as fábricas de Benjamin Tost e Bianchini & Quilici – ambas no setor de tijolos, telhas, tubos para esgotos e louças de barro – encontravam-se com atividades paralisadas em 1930 (São Paulo, 1928-1937).

<sup>17</sup> Segundo Motta *et al.* (2004), a cidade de Santa Gertrudes era o maior polo cerâmico das Américas no ano de 2003, produzindo cerca de 20 milhões de metros quadrados de placas cerâmicas por mês.

**Tabela 2 – Relação das dez maiores fábricas e oficinas do município de Rio Claro em 1931 (classificadas pelo número de operários)**

Empresa	Setor	Capital	Operários	Força motriz	Produtos e observações
Cervejaria Rio Claro Ltda.	Bebidas Cervejas	1.000	70	120	Cervejas de alta e baixa fermentação e gasosas
Caetano Castellano & Cia.	Industriais de madeira	500	50	140	Peroba, cedro, canela e outras madeiras serradas e aparelhadas
Companhia de Calçados Flora	Calçados	500	38	22	Botas de montar, botinas, sapatos, sandálias e chinelos
Marotti & Viegas (Santa Gertrudes)	Tijolos, telhas, tubos para esgotos e louças de barro	200	20	20	Telhas prensadas
Augusto Schmidt	Industriais de madeira	181	23	20	Madeiras serradas e aparelhadas
Heitor R. Almeida	Tijolos, telhas, tubos para esgotos e louças de barro	150	13	10	Telhas prensadas
Penteado & Marotti	Tijolos, telhas, tubos para esgotos e louças de barro	140	24	70	Telhas prensadas
F. Blanco Prior & Cia. (Santa Gertrudes)	Tijolos, telhas, tubos para esgotos e louças de barro	120	19	20	Telhas prensadas
<b>Outras nove fábricas</b>		37	117	18 cavalos-elétricos	
<b>Total</b>		<b>647</b>	<b>395</b>	<b>74 cavalos-elétricos e 18 cavalos-vapor</b>	

Fonte: São Paulo (1928-1937).

A Tabela 2 traz a relação das dez maiores fábricas rio-clarenses – de um total de 60 empresas na cidade – no ano de 1931, que, somadas, possuíam um número de 1.973 operários e um capital de 7.791 contos de réis, equivalentes a 83% do operariado total da localidade, bem como de seu capital industrial naquele ano.<sup>18</sup> Em relação aos ramos de atuação na indústria classificados por Cano (1981), permanecia a tendência verificada acerca dos dados de 1918 (Tabela 1) de uma estrutura industrial rio-clarense concentrada em segmentos simples (telhas prensadas, serraria de madeira) e intermediários (calçados, oficinas construtoras de bens de capital e cervejaria), mas, nesta amostra, contando também com segmentos complexos (produção de energia elétrica).

Seguindo a definição de grande fábrica utilizada por Marson (2008), a única empresa rio-clarense que poderia ser classificada nesses termos seriam as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, instaladas ainda no ano de 1892 e que, em 1931, possuíam 1.630 operários encarregados da reparação de vagões e locomotivas, sendo que seus empregados representavam 69% do operariado fabril do município naquele ano,<sup>19</sup> afinal, desde sua origem, as Oficinas consolidaram-se como maior empregador industrial da cidade.

Apesar de apresentar menos de 100 operários, havia outra firma que, seguindo a classificação de Silva (1995), poderia ser considerada como grande empresa rio-clarense até o ano de 1931: a S. A. Central Elétrica Rio Claro, que possuía um capital social de 5 mil contos de réis – equivalente a 53% do capital industrial rio-clarense em 1931 – e fornecia eletricidade para Rio Claro e vários municípios da região.<sup>20</sup> Apesar das

<sup>18</sup> A escolha por trazer os anos de 1931 e 1937 para analisar as maiores fábricas da cidade paulista de Rio Claro na década de 1930 deve-se ao fato de apenas nesses dois anos citados constarem, conjuntamente, as três maiores firmas da localidade que foram criadas ainda em sua fase pioneira de industrialização que se deu até 1929: a Cia. Paulista de Estradas de Ferro com suas oficinas rio-clarenses, a S. A. Central Elétrica Rio Claro e a Cervejaria Rio Claro Ltda. Nos outros anos da *Estatística Industrial do Estado de São Paulo 1928-1937*, uma ou mais dessas empresas não teve seus dados informados, implicando uma descrição parcial da indústria rio-clarense caso tais anos fossem analisados pormenorizadamente.

<sup>19</sup> A ausência de dados na *Estatística Industrial do estado de São Paulo 1928-1937* sobre o capital social das oficinas ferroviárias não deve servir a um reducionismo sobre a relevância desses estabelecimentos para as localidades – como Campinas, Jundiaí, Rio Claro e Ribeirão Preto – em que eles estavam instalados. No caso da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, uma das maiores empresas estaduais na década de 1930, o capital social do grupo era de 350 mil contos de réis em dezembro de 1931 (Grandi, 2010).

<sup>20</sup> Como citado anteriormente, segundo Silva (1995) as grandes empresas paulistas seriam aquelas

críticas de Garcia (1992) e Selingardi-Sampaio (1987) sobre a incapacidade da empresa em fornecer a energia elétrica de maneira mais constante, ocasionando cortes frequentes no fornecimento, e que isso teria dificultado a formação de empresas nestas localidades, o fato é que, ao se comparar a S.A. Central Elétrica Rio Claro com as demais 86 firmas fornecedoras de energia elétrica arroladas na *Estatística Industrial de São Paulo no ano de 1931*, evidencia-se que sua posição relativa a colocava no patamar das maiores empresas paulistas do setor: era o grupo com o 8º maior capital social e o 7º lugar em termos de operários e capacidade energética de suas usinas (medidos pela Força Motriz em H. P. elétrica) (São Paulo, 1928-1937).

Sobre as demais empresas da Tabela 2, há que destacar a Cervejaria Rio Claro Ltda., o terceiro maior empregador na indústria rio-clarense. A empresa surgiu em 1899 da iniciativa do major Carlos Augusto Rodrigues Pinho, que, em 1902, arrendou-a para o alemão Júlio Stern, que a conduziu até 1915, quando então, já com sua cerveja Caracu desfrutando de prestígio estadual, foi vendida para Oscar Batista Costa, que ampliou as instalações da fábrica e reformou suas máquinas. Em 1930, a Cervejaria Rio Claro, então com sérias dificuldades financeiras, foi vendida para o comendador Nicolau Scarpa e entrou em um novo período de expansão, com ampliação dos prédios, compra de novos equipamentos e aumento do número de empregados (Selingardi-Sampaio, 2012). No ano de 1931, a Cervejaria Rio Claro era uma das principais firmas cervejeiras do estado de São Paulo – havia 67 empresas nesse setor – com o 5º maior capital social e o 6º maior operariado e capacidade elétrica (Força Motriz em H. P. elétrica).

Como feito anteriormente, tem-se a possibilidade de comparar as maiores empresas rio-clarenses (Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, S. A. Central Elétrica de Rio Claro e a Cervejaria Rio Claro Ltda.) com os principais estabelecimentos industriais de Ribeirão Preto no ano de 1931: Oficinas da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (empregava 1.798 operários), Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto (capital de 10 mil contos de réis, 155 operários e força motriz de 18.960 H. P. elétrica) e a

---

detentoras de um capital social de ao menos 1.000 contos de réis, ao câmbio do ano de 1907. Utilizando o índice setorial da indústria de Haddad (1978), o valor constante do capital social da S. A. Central Elétrica Rio Claro no ano de 1931 seria de 1.460 contos de réis.

filial ribeirão-pretana da firma cervejeira Companhia Antartica Paulista (capital de 2.800 contos de réis, 253 operários e força motriz de 546 H. P. elétrica) (Lanza; Lamounier, 2014).

No confronto das maiores empresas dessas duas importantes localidades manufatureiras paulistas no começo dos anos 1930, considerando o número de operários das seis firmas analisadas, evidencia-se a similaridade no fato de as oficinas ferroviárias – Cia. Paulista e Mogiana – serem os dois maiores estabelecimentos industriais dessas cidades – com capital, operariado e força motriz semelhante – todavia, há uma precocidade no caso de Rio Claro, pois a instalação das oficinas da Cia. Paulista data de 1892, enquanto que, em Ribeirão Preto, a Cia. Mogiana instalou suas oficinas somente em 1927. De outra parte, em relação às firmas do setor de energia elétrica e às cervejarias, o que se nota é que as empresas ribeirão-pretanas (Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto criada em 1898 e a filial da Companhia Antartica Paulista inaugurada em 1911) eram estabelecimentos de maior monta em relação aos de Rio Claro, pois tinham maior operariado, capital e força motriz no ano de 1931.

O ano de 1937 é o último da série de dados arrolados pela *Estatística Industrial do estado de São Paulo* e aqui citado em virtude de ser uma amostra que contém dados sobre as três maiores empresas rio-clarenses: as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a S.A. Central Elétrica Rio Claro e a Cervejaria Rio Claro Ltda.<sup>21</sup> Naquele ano, houve a inclusão de apenas três novas empresas no rol das firmas industriais rio-clarenses que, classificadas pelo capital social, seriam respectivamente a 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> maiores empresas locais: a Bruno Meyer & Filhos no setor de máquinas para lavoura e indústrias, com um capital de 300 contos de réis, 60 operários e força motriz de 15 H. P. elétrica voltada à produção de máquinas para beneficiar laranjas, máquinas para indústrias cerâmicas, curtumes etc.; a firma Victor Milleo (Santa Gertrudes) no setor de louças de barro, manilhas para esgotos e materiais prensados, com um capital social de 300 contos de réis, 24 operários e força motriz de 10 H. P. elétrica para a produção de telhas prensadas e cumieiras; e a firma Dermeval Nevoeiro & Irmão (Santa Gertrudes) no setor de louças de barro, manilhas para

<sup>21</sup> O artigo de Lanza e Lamounier (2014) restringe sua análise sobre as firmas industriais de Ribeirão Preto ao ano de 1930, e, dessa forma, a comparação das firmas daquela localidade com as de Rio Claro para os anos pós-1930/1931 fica inviabilizada.

esgotos e materiais prensados, com um capital social de 200 contos de réis, 70 operários e força motriz de 20 H. P. elétrica para a produção de telhas, tijolos prensados e cumieiras (São Paulo, 1928-1937).

As três novas empresas citadas eram estabelecimentos de pequeno a médio porte e que não alteravam o perfil da indústria rio-clarense: as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro como a maior empresa local, em uma posição intermediária à S. A. Central Elétrica Rio Claro e, o restante, uma gama de firmas médias e pequenas concentradas na produção de bebidas (cerveja), setor de cerâmica, madeireiro e serraria, além de uma produção de máquinas par lavoura e indústria representada pela firma Bruno Meyer & Filhos.<sup>22</sup>

Para Garcia (1992) e Selingardi-Sampaio (1987; 2012), uma das razões recai sobre os baixos efeitos de encadeamento proporcionados pelas Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, pois, ao passo que ela empregava mais da metade do operariado local, essa firma pouco se relacionava ao restante do tecido industrial rio-clarense quanto a produto e matéria-prima, uma vez que sua função era atender às demandas da própria ferrovia, e a matéria-prima vinha necessariamente de fora de Rio Claro – exceto pela madeira que vinha do Horto Florestal organizado na localidade pela empresa. Dessa forma, o papel impulsionador da indústria local exercido por essa grande empresa se deu mais pela renda de seus empregados gasta na economia local e pela demanda de energia elétrica das oficinas e da ferrovia, transformando a Cia. Paulista de Estradas de Ferro na maior consumidora e cliente da S. A. Central Elétrica Rio Claro, sobretudo a partir da década de 1920, quando a Cia. Paulista iniciou o processo de eletrificação de suas linhas férreas (Marsiglia; Mello; Bacellar, 1986).

Segundo Garcia (1992) e Selingardi-Sampaio (1987; 2012), o efeito centrípeto exercido pelas Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro se expressava na tendência de que os trabalhadores locais preferiam empregar-se na Cia. Paulista, que ofertava salários relativamente mais altos e uma estabilidade no emprego, e que esse fenômeno repelia a formação de novas firmas industriais, principalmente as de grande porte e que demandavam um elevado contingente de trabalhadores, como as grandes

---

<sup>22</sup> Conforme a Estatística Industrial do estado de São Paulo no ano de 1937, no setor de máquinas para lavoura e indústrias havia 99 empresas, sendo que a firma Bruno Meyer & Filhos era de 23º maior capital social, a 22ª em número de operários e 33ª em força motriz (São Paulo, 1928-1937).

têxteis, que, apesar de formarem o maior setor industrial paulista, só passaram a ser vistas nos dados da indústria rio-clarense na década de 1940.

**Tabela 3 – Relação das fábricas e oficinas do município de Rio Claro com 100 ou mais operários no ano de 1945 (classificadas pelo número de operários)**

Empresa	Ano de fundação	Capital (cruzeiros correntes)	Operários	Setor
Cia. Paulista de Estradas de Ferro	1892	9.701.703	1.468	Acessórios para vagões
S. A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo	1939	500.000	808	Torção de fios
Cia. Cervejaria Rio Claro	1905	4.182.824	308	Cervejas e bebidas diversas
E. F. Saad & Cia.	1944	2.747.070	170	Fios de seda
Cia. Paulista de Estradas de Ferro	1892	776.896	102	Desdobro de madeira
<b>Outras 423 fábricas</b>		<b>18.097.690</b>	<b>1.551</b>	
<b>Total</b>		<b>36.006.183</b>	<b>4.407</b>	

Fonte: São Paulo (1947, p. 780-803).

A Tabela 3 traz informações das empresas arroladas no Catálogo das Indústrias do estado de São Paulo no ano de 1945, sendo que a amostra traz os dados apenas das firmas dos municípios do interior paulista. Para a cidade de Rio Claro, a tabela reuniu informações das únicas cinco empresas que possuíam mais de cem operários, ou seja, as grandes empresas locais, segundo a classificação de Marson (2008). O primeiro ponto a destacar é que agora vemos duas novas e grandes firmas vinculadas ao principal setor manufatureiro nacional que era o têxtil: a S. A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo, inaugurada na localidade em 1939 e que atuava na torção de fios<sup>23</sup> com seus 808 operários; e a E. F. Saad, criada em 1944 e que se incumbia da produção de fios de seda com seus 170 funcionários.

<sup>23</sup> Segundo Loureiro (2006, p. 26), no processo de fiação do algodão “[...] uma torção bem realizada impede que os fios arrebentem no processo de tecelagem”.

A instalação dessas firmas, cujos capitais eram de origem paulistana, expressava o crescimento que o setor têxtil paulista teve durante os anos da II Guerra Mundial – inclusive com vistas à exportação – e a busca desses capitais por municípios com boa localização – as duas fábricas situavam ao lado dos trilhos da Cia. Paulista – e uma importante oferta de mão de obra feminina, sendo a prática das fábricas têxteis empregar um grande contingente de mulheres (Negri, 1996; Suzigan, 1971; Selingardi-Sampaio, 2012).

Entretanto, mantinha-se a preponderância da Cia. Paulista de Estradas de Ferro como o maior estabelecimento industrial rio-clarense: somadas suas oficinas para consertos de vagões e a unidade de desdobro de madeira no Horto Florestal, representavam 36% do operariado local e 29% do capital industrial. Os carros e vagões construídos nas oficinas da Cia. Paulista empregavam mais de um terço da mão de obra local da indústria e eram, em boa medida, responsáveis por colocar Rio Claro como o 6º maior município do interior paulista em termos de operariado industrial no ano de 1945. Todavia, apesar de ter um total de 428 estabelecimentos manufatureiros – a 5º maior concentração de fábricas no interior paulista –, o capital aplicado nessas unidades rio-clarenses situava Rio Claro apenas na 18ª posição entre os municípios do interior do estado, ou seja, permanecia o caráter de uma indústria local fortemente condicionada pela presença das Oficinas da Cia. Paulista desde 1892, mas com uma massa de outros pequenos e médios estabelecimentos com capitais e operários em menor quantidade e em setores mais voltados aos bens de consumo assalariado.

## 5. Considerações finais

O artigo buscou trazer uma contribuição ao debate sobre a industrialização de pequenas e médias cidades do interior paulista, a partir da análise do processo de formação do setor manufatureiro da cidade de Rio Claro na primeira metade do século XX, dando ênfase aos maiores estabelecimentos industriais – aqueles com 100 ou mais operários – da localidade no período 1918-1945 e tentando comparar essas firmas com as de Ribeirão Preto, originalmente arroladas no trabalho de Lanza e Lamounier (2014).

Em consonância à historiografia econômica sobre a industrialização de São Paulo, o município de Rio Claro teve, na segunda metade do século XIX, a forte expansão de seus cafezais até os anos 1890; a elevação do contingente de escravos e, posteriormente, as grandes levas de imigrantes, principalmente italianos; a instalação dos trilhos ferroviários e da oficina mecânica da Cia. Paulista; a formação da S.A. Central Elétrica de Rio Claro; a urbanização e a formação de empreendimentos industriais, comerciais e de serviços no município, sendo um setor manufatureiro com predomínio de atividades voltadas à produção de bens de consumo assalariado.

Os dados referentes aos maiores estabelecimentos industriais rio-clarenses no ano de 1918 trazem a Cia. de Calçados Flora como a única grande empresa na localidade. As demais firmas eram de menor monta e condizentes com a relação café-indústria expressa na formação de empresas destinadas à fabricação de bens de consumo assalariado, como cigarros, chinelos, impressos e bebidas diversas.

Para o ano de 1931, manteve-se a presença maior de estabelecimentos pequenos e médios vinculados à produção de bens de consumo assalariado, mas, naquele ano, apareceram os dados referentes às três maiores empresas locais: as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a S. A. Central Elétrica Rio Claro e a Cervejaria Rio Claro Ltda. As Oficinas converteram-se na grande empresa rio-clarense, que empregava mais de 1.000 operários e também era a principal cliente da Central Elétrica Rio Claro.

Ao compararmos os três estabelecimentos industriais rio-clarenses acima arrolados com as maiores firmas manufatureiras de Ribeirão Preto no ano de 1931 – Oficinas da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto e a filial da cervejaria Companhia Antártica Paulista –, constatamos que as duas últimas empresas ribeirão-pretanas eram de maior vulto – considerando capital social, operários e força motriz – do que as congêneres rio-clarenses. Uma explicação está no tamanho do mercado, tendo em vista que a população de Ribeirão Preto no ano de 1929 era de 74 mil habitantes, enquanto que em Rio Claro o número de habitantes era de 64 mil.

Ademais, o declínio na produtividade dos cafezais, que começou ainda na década de 1890 no município de Rio Claro, teria ficado mais evidente em Ribeirão Preto apenas nos anos 1920, sendo que esta pros-

peridade resultante da renda cafeeira tornava Ribeirão Preto uma localidade atrativa ao estabelecimento de novas e grandes empresas, como a cervejaria paulistana Cia. Antarctica Paulista – que ali se instalou em 1911 – e a Cia. Electro-Metalúrgica Brasileira (1922-1930), empresa ribeirão-pretana do ramo de produção de aço e ferro fundido que chegou a ter um capital de 6 mil contos e contava com cafeicultores locais entre seus acionistas. Dessa forma, como aponta Negri (1996), a formação de indústrias nos municípios do interior paulista até o final dos anos 1920 foi robustamente influenciada pela interação com o setor cafeeiro, sendo que, em casos como o de Ribeirão Preto, a acumulação de capital naquele período permitiu a formação de grandes e complexas firmas industriais, inclusive no setor de produção de aço, em contraste, neste caso, com o município de Rio Claro, em que o auge da acumulação cafeeira findou mais previamente, e isso pode ter influenciado um tecido manufatureiro menos complexo até a década de 1930.

Por fim, ao listar os estabelecimentos rio-clarenses com mais de 100 operários no ano de 1945, nota-se a presença de novas grandes empresas em setores líderes da industrialização nacional, como os têxteis: caso da inauguração da S.A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo em 1939 e, em 1944, da criação da E. F. Saad & Cia. Entretanto, novamente, as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro mantinham-se como o principal estabelecimento industrial rio-clarense, posto que vinha desde o final do século XIX.

Segundo a historiografia, a concentração da mão de obra manufatureira nessa grande empresa afetou o desenvolvimento de outras firmas na localidade e, como as companhias ferroviárias tinham oficinas em outras localidades paulistas, uma questão que se coloca na continuação deste trabalho é fazer uma comparação entre a realidade rio-clarense e a dessas outras cidades – como Ribeirão Preto –, pois pode haver ou não semelhanças entre o tamanho de seus estabelecimentos fabris como menores ou médios em face de uma quase monopolista oferta de mão-de-obra local.

## Referências

AURELIANO, L. *No limiar da industrialização*. Campinas: Unicamp/IE, 1999.

BARBOSA, A. S. *Empresariado fabril e desenvolvimento econômico*. São Paulo: Editora Hucitec/ Fapesp, 2006.

BASSANEZI, M.; SCOTT, A.; BACELLAR, C.; TRUZZI, O. *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BILAC, M. B. B. *As elites políticas de Rio Claro*. Piracicaba/Campinas: Editora da Unimep/Editora da Unicamp, CMU, 2001.

BRANDÃO, M. A. A mobilidade social do imigrante italiano pobre no Brasil (1890-1930): uma contribuição à historiografia da imigração em São Paulo. *História e Cultura*, v. 4, n. 1, p. 319-337, 2015.

BRESSER PEREIRA, L. C. Origens étnicas e sociais do empresário paulista. *Revista Administração de Empresas*, v. 4, n. 11, p. 83-106, 1964.

CAMARGO, J. F. *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos, v. 2: ensaio sobre as relações entre a demografia e a economia*. São Paulo: FFLCH, 1952.

CAMILLO, E. E. R. *Guia histórico da indústria nascente em Campinas (1850-1887)*. Campinas: Mercado de Letras, Centro de Memória Unicamp, 1998.

CANO, W. Alguns aspectos da concentração industrial. In: VERSIANI, F. R.; BARROS, J. R. M. *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, p. 63-120, 1978.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Campinas: Unicamp/IE, 1981.

DEAN, W. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.

DEAN, W. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DINIZ, D. M. F. L. *Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900)*. Rio Claro: FFCL, 1973.

DINO, C. B.; MELO JUNIOR, I. C.; OLIVEIRA, S. L. S.; KIM, S. J. O capital estrangeiro e nacional na energia paulista. *Projeto Eletromemória: história da energia elétrica no estado de São Paulo (1890-1960)*, 2017. Disponível em <<https://eletromemoria.ffch.usp.br/content/o-capital-estrangeiro-e-nacional-na-energia-paulista-claudia-belini-dino-irrael-cordeiro-de>>.

FALEIROS, R. N. *Fronteiras do café: fazendeiros e “colonos” no interior paulista (1917-1937)*. Bauru: EDUSC, 2010.

FILENI, R. F. C. *O processo migratório para o interior paulista: o caso de Rio Claro*. Rio Claro, SP: UNESP, 2004 (Dissertação de Mestrado).

FISHLOW, A. Origens e consequências da substituição de importações no Brasil. In: VERSIANI, F. R.; BARROS, J. R. M. *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, p. 7-40, 1978.

GARCIA, L. B. Reis. *Rio Claro e as oficinas da Companhia Paulista de Estrada de Ferro: trabalho e vida operária, 1930-1940*. Campinas: Unicamp, 1992 (Tese de doutorado da Unicamp).

GRANDI, G. *Café e expansão ferroviária: a Companhia E. F. Rio Claro (1880-1903)*. São Paulo: Annablume, 2007.

GRANDI, G. A Companhia de Estrada de Ferro Rio Claro e o projeto de expansão ferroviária da Companhia Paulista. *História Econômica e História de Empresas (ABPHE)*, v. 9, n. 1, p. 115-139, 2006.

GRANDI, G. *Estado e capital ferroviário em São Paulo: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro entre 1930 e 1961*. São Paulo: USP, 2010 (Tese de Doutorado em História Econômica da USP).

GRANDI, G. Fusão ou aquisição de ferrovias? As transações econômicas

envolvendo a Rio Claro Railway Company (1888-1892). *Topoi*, v. 21, p. 475-496, 2020.

HADDAD, C. Crescimento do Produto Real Brasileiro – 1900-1947. In: VERSIANI, F. R.; BARROS, J. R. M. *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, p. 143-166, 1978.

HANLEY, A. G. *Native capital: financial institutions and economic development in São Paulo, Brazil, 1850-1920*. Stanford, California: Stanford University, 2005.

LANZA, A. L.; LAMOUNIER, M. L. Café, imigrantes e empresas no nordeste de São Paulo (Ribeirão Preto, 1880-1930). *História Econômica & História de Empresas*, v. 17, n. 2, p. 567-604, 2014.

LOUREIRO, F. P. *Nos fios de uma trama esquecida: a indústria têxtil paulista nas décadas pós-Depressão*. São Paulo: USP, 2006 (Dissertação de Mestrado da USP).

LUNA, F. V.; KLEIN, H. S. *História econômica e social do Estado de São Paulo, 1850-1950*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

MARSIGLIA, C.; MELLO, M. R. C.; BACELLAR, N. R. R. *S/A Central Elétrica Rio Claro*. São Paulo: CESP/IEB, 1986.

MARSON, M. D. Causas da mudança tecnológica na indústria de bens de capital no Estado de São Paulo na década de 1930. *Revista Economia (Anpec)*, v. 9, p. 115-142, 2008.

MARSON, M. D. Origens dos empresários da indústria de máquinas e equipamentos em São Paulo, 1870-1900. *Nova economia*, v. 22, n. 3, p. 481-511, 2012.

MEIRELLES, A. C. *A imigração italiana no desenvolvimento do município de Rio Claro-SP: Economia e cultura (1870-1950)*. Rio Claro: Unesp, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia da Unesp).

MELLO, J. M. C. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MILLIET, S. *O Roteiro do café: contribuição para o estudo da História Econômica e Social do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1982.

MOTTA, J. F. M.; CHRISTOFOLETTI, S. R.; GARCEZA, L. L.; SOUZA, R. V. de; BOSCHIC, F. A. O.; MORENOB, M. M. T.; CUCHIERATO, G.; ZANARDOB, A. Característica do polo de revestimento cerâmico de Santa Gertrudes – SP, com ênfase na produção de argila. *Cerâmica Industrial*, v. 9, n. 1, p. 1-6, 2004.

NEGRI, B. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas: Unicamp, 1996.

PERISSINOTTO, R. M. *Classes dominantes e hegemonia na República Velha*. Campinas: Unicamp, 1994.

PETRONE, M. T. S. O desprezado “ciclo do açúcar” paulista (1765-1850). In: ODALIA, N.; CALDEIRA, J. R. C. (Org.). *História do estado de São Paulo: a formação da unidade paulista, volume 1*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial; APESP, p. 135-155, 2010.

PIGNATARO, L. C. *Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes*. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município, 1982.

PRADO JÚNIOR, C. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

ROSSINI, G. A. A. *A dinâmica do tráfico interno de escravos na franja da economia cafeeira paulista (1861-1887)*. Campinas: Unicamp, 2015 (Tese de doutorado em Economia da Unicamp).

SAES, F. A. M. O estado de São Paulo no século XX: café, indústria e finanças na dinâmica da economia paulista. In: ODALIA, N.; CALDEIRA, J. R. C. *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade*

*paulista, volume 3*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial; APESP, p. 13-40, 2010.

SAES, F. A. M. *Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900*. In: SZMRECSÁNYI, T.; LAPA, J. R. A. (Org.). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec; ABPHE; Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial, p. 177-196, 2002.

SANTOS, F. A. *Rio Claro: uma cidade em transformação (1850-1906)*. Campinas: Unicamp, 2000 (Dissertação de Mestrado em Economia da Unicamp).

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-1937*.

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. *Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio, 7ª série, n. 5*. São Paulo: Typographia Brasil de Rotschild & C., 1916.

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. *Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio, 10ª série, n. 3-4*. São Paulo: Typographia Levi, 1919.

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas. *Estatística agrícola e zootécnica de Rio Claro no anno agrícola de 1904-1905*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas, 1908.

SÃO PAULO. Departamento Estadual de Estatística. *Catálogo das indústrias do estado de São Paulo (exclusive o município da Capital), 1945*. São Paulo: Tipografia Brasil, Departamento Estadual de Estatística, 1947.

SÃO PAULO. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, edição de 21 fevereiro de 1918. São Paulo: Imprensa Oficial, 1918.

SELINGARDI-SAMPAIO, S. A Indústria e o município de Rio Claro, das origens à atualidade: uma interpretação geográfica de seus elementos, relações e efeitos”. In: CAMPOS, M. T. A. (Org.). *ACIRC, 90 anos de história: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP: 1922-2012*. Rio Claro: Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012.

SELINGARDI-SAMPAIO, S. A industrialização de Rio Claro: contribuição ao estudo da desconcentração espacial da indústria no Estado de São Paulo. *Geografia*, v. 12, p. 1-60, 1987.

SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo. Alfa-Omega, 1995.

SUZIGAN, W. *A industrialização de São Paulo: 1930-1945*. Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro, 1971.

TESSARI, C. A. Sazonalidade e trabalho temporário na empresa cafeeira (Oeste Paulista, 1890-1915). *História Econômica & História de Empresas*, v. 14, n. 2, 5 jul. 2012.

TROPPEMAIR, H. *Aspectos históricos e geográficos de Rio Claro*. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1993.

TRUZZI, O. M. S. *Café e indústria: São Carlos, 1850-1950*. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

TRUZZI, O. M. S.; BASSENEZI, M. S. B. *População, grupos étnico-raciais e economia cafeeira: São Carlos, 1907*. *Revista Brasileira de Estatística Populacional*, v. 26, n. 2, p. 197-218, 2009.

TRUZZI, O. M. S.; NETO, M. S. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *Revista de Administração de Empresas*, v. 47, n. 2, p. 37-48, 2007.

VERSIANI, F. R.; VERSIANI, M. T. R. O. A industrialização brasileira antes de 1930: uma contribuição. In: VERSIANI, F. R.; BARROS, J. R. M. *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, p. 121-142, 1978.